

SUBJETIVAÇÃO: SUJEITOS NO ESPAÇO DA GLOBALIZAÇÃO¹

Dina Maria Martins Ferreira

Faculdade de Filosofia, Letras e Educação - Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
Rua da Consolação, 896 – Prédio 13 – 01302-907 – São Paulo - Brasil

Abstract: *This article aims at pointing out subjectivization impacts resulting from the relationship between the subject and inhabited space/time. Having the Zero Hunger Administration Program, narrativized by the press, as focus, I will analyze two subjects: power/ the administration and the subject of the masses, the famished. The subjectivization movement is processed as of the subject encompassed by encompassing space and time, seeking to answer how the subject - who feels hungry and/or observes hunger- feels the distance between himself/herself and the surroundings, how he/she sees the world and is seen by it, and what ways and means of knowledge he/she is 'entitled to.'*

Key words: *subject; time; space; distance; knowledge*

Resumo: Este artigo visa apontar impactos de subjetivação decorrentes da relação entre sujeito e espaço habitado. Tendo como foco o Programa Governamental Fome Zero, narrativizado pela mídia impressa, dois sujeitos são analisados: o poder-governo e o sujeito das massas, o esfomeado. O movimento de subjetivação se processa do sujeito englobado pelo espaço englobante, buscando responder como pode o sujeito – que sente a fome e/ou olha a fome – sentir a distância entre si e o que o rodeia; como olha e é olhado; e que formas de conhecimentos lhe são 'permitidas'.

Palavras-chave: sujeito; tempo; espaço; distância; conhecimento

Considerações

Na sociedade atual, contemporânea, de grandes tecnologias, em que nosso tempo é um instante e nosso espaço, um quase nada, a questão da subjetividade se faz ora intensa pelas forças que a circundam e ora por seu apagamento. E sob esse alvoroço de subjetivações, vamos indagar como sujeitos se fazem 'transeuntes' no espaço em que se inserem. A noção de espaço passa, então a ter o *status* de um vetor do movimento social, ou seja, espaço é "uma magnitude dotada de direção" (Caldas Aulete, 1964:4178), pois é na posição em que o sujeito se estabelece que se percebe a direção identitária do sujeito. O espaço é vetor de subjetivações, pois é no movimento dos sujeitos que se percebe o processo de subjetivação.

Os espaços a serem levantados são da ordem da localidade, na qual a dimensão social e a dimensão das massas se fazem presentes. O espaço da globalização é apenas

enfocado como um lugar onde a fome só pode ser descrita e não sentida. Já que estamos tratando do discurso midiático do programa governamental Fome Zero, dois sujeitos são perfilados: aqueles que passam fome e os do poder, o governo; sujeitos que se relacionam por hierarquia no mundo das políticas de representação. Tendo como foco maior o sujeito da fome, busca-se responder: como pode o sujeito – que sente a fome e/ou que olha a fome - sentir a distância entre si e o que o rodeia; como olha e é olhado; e que formas de conhecimentos lhe são ‘permitidas’.

Distância: próximo e longe

No que tange a distância, o sujeito da localidade tem a noção do próximo e do longe. O próximo é “um espaço dentro do qual a pessoa pode se sentir *chez soi*, à vontade, um espaço no qual raramente se sente perdido” (Bauman, 1999:20). A noção de comunidade local se aprimora, na medida em que o sujeito tem próximo de si os seus referentes pessoais de vida: a rua onde mora, sua casa, seu animal de estimação, seu filho que corre para seus braços, enfim, o previsível que o permite reconhecer a sua ‘vidinha’ cotidiana em interação com outros sujeitos de corpo e face; pode apontar e mostrar ‘Olha!, essa é a minha vida’. Esse mesmo sujeito da localidade sente o que seja o longe, a vida da possibilidade do imprevisível, na qual não pode apontar com segurança seu entorno, pois

“é um espaço que se penetra apenas ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das quais não se saberia como reagir: um espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar” (Bauman, 1999:20).

Esta questão de próximo e longe sobre a fome é clara na imagem que se tem sobre a “família etíope (que) caminha perto de Korom, cidade no norte do país, um dos mais afetados pela fome” (*Folha de São Paulo*, 9 de dezembro de 2004, A10), pois os autóctones negros e muito altos, suas vestimentas (mantos cobrindo a cabeça e o corpo), paisagem desértica ao fundo indicam que não é o esfomeado brasileiro. É a distância geográfica e étnica; este esfomeado está longe do esfomeado brasileiro, porquanto a fome etíope não alcança a localidade Brasil. Mas se assemelha à fome brasileira e qualquer outra fome pelo corpo esquelético, pela pobreza das roupas, pelos ossos de joelhos pontudos, pela magreza e os pés descalços. Não é apenas a distância geográfica e étnica que determina a distância entre próximo e longe, esta relação de distanciamento também se processa em uma mesma localidade, quando “crianças índias, uma de 7 anos e outra de 7 meses vasculham um lixão em Itaporã, município vizinho a Dourados (MS)” (*Folha de São Paulo*, 22 de fevereiro de 2005, 1ª página); aqui se trata do distanciamento entre classes sociais, a classe do miserável que busca a comida e a classe privilegiada, dos que tem comida à mesa. Outro tipo de distanciamento é entre etapas históricas, demonstrada pela charge na *Folha de São Paulo*, 24 de fevereiro de 2005, A2. A charge é composta de duas imagens, uma ao lado da outra, a primeira tem como título “Antes” e a segunda, “Depois”; abaixo dessas marcas temporais estão os significados imagéticos. No *antes*, um índio, vestido a caráter com tanga, está à beira de um rio, pescando; sob as águas cristalinas vários peixes nadam; e atrás do índio

uma floresta frondosa. No *depois*, o índio está em um reservatório de lixo, vestido com roupa citadina rasgada, desdentado, segurando uma lata vazia, está de joelho frente a uma poça de água de onde retira um esqueleto de peixe; este índio ‘metropolitano’ é ladeado por uma paisagem metropolitana, com fábricas funcionando indicadas pelas fumaças das chaminés, ao lado de torres elétricas. É o distanciamento histórico que mostra uma época de fartura ligada à natureza, antes do período de colonização, e outra representando os tempos atuais da fome; um recurso de ironia para intervir nos acontecimentos dos índios de Dourados.

Definir perto/longe é questão de referência: distância geográfico-étnico-cultural, ou distância entre classes sociais, ou distância histórica em uma mesma geografia política. O que se percebe é que na distância étnico-geográfica, o perto e o longe se encontram pelo imaginário que se tem da fome – magreza, roupas rasgadas; na distância entre classes, pobres e ricos dificilmente se tocam devido a performativos cotidianos, pois um sujeito da classe privilegiada não estaria em um monte de lixo catando comida; e na distância histórica o desencontro é total, já que não há como recuperar o viver de uma época passada da história. Por essas três imagens pode-se pensar como tais tipos de distância são entendidas na globalização e na localidade. À distância física entre Etiópia e Brasil se *permite* a movimento globalizado, haja vista o Fórum Econômico Mundial e o combate à fome no mundo; as distâncias de classes – miserável e rico - e entre etapas históricas – natureza e civilização - se *confina* na localidade, porquanto os sujeitos têm seus performativos ‘presos’ à localidade. Ao dar à globalização a *permissão* de anular distâncias, com ela está o poder, enquanto para a localidade sobra a miserabilidade do confinamento.

Mas podemos trabalhar pelo avesso da hierarquia implantada pelo poder, já que “as distâncias não significando mais nada, as localidades separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso augura para alguns a liberdade face à criação de significado, mas para outros pressagia a falta de significado” (Bauman, 1999: 25). Na globalização, os sujeitos “libertam os significantes de seus significados” (Bauman, 1999: 21), ou seja, os significados não precisam de matéria, a informação da fome viaja sem o corpo do sujeito; o que faz com que esse sujeito globalizado ser perca em uma massa, incógnito, já que não tem corpo nem face na condução do significado; nesse espaço, o sensível do face-a-face é perdido ou passa a ter outras configurações. O instante interativo nega o toque do sensível, pois esse sujeito globalizado está preso às estratégias comunicativas fornecidas pelo ‘piloto da embarcação’ – a cibernética. E na localidade, o significante índio no lixão e o índio na metrópole não se solta do significado sociocultural que tais imagens processam.

E retomando que o perto é a sensação do *chez soi*, diria que estou *chez moi* ao olhar a foto do índio buscando no lixo e do índio perdido na metrópole, um *chez moi* não confortável, mas indicador que estou na casa Brasil; imaginário e conhecimento se encontram na mesma caixa do reconhecimento de algo. O longe é o espaço que ocasionalmente posso estar presente, o que não é o caso, pouco sei sobre esse espaço, e nesse caso o desconhecido conforta, o que não significa deixar de encontrá-lo.

Olhar panóptico e sinóptico

Outro tipo de subjetivação se processa na divisão de localidade e globalização: é o poder panóptico e sinóptico, posição do olhar que identifica governo e esfomeado, poder e minoria. No *panóptico* tradicional – olhar tudo (tudo/*pan* e olhar/*óptico*) -, o *tudo* está na *imobilizado*: famintos continuam paralizados pela fome, não se percebe “movimentos autônomos, contingentes e erráticos” (Bauman, 1999:60), o olhar é do poder - o de poucos -, em direção aos não-privilegiados - os muitos. O panóptico mostra ação do poder e imobilidade da massa, sem voz, sem face e sem corpo. Essa idéia de imobilização pode ser aliada ao conceito de Baudrillard (1985) de massas, ao qual se refere como “eletricidade *estática*” (itálico acrescido); e o estático referendaria a imobilização e a fixidez, como uma forma de aprisionamento. Nessa perspectiva, de poucos olhando para muitos, o sujeito esfomeado se reafirma como não-sujeito, porquanto nos muitos o privado não se manifesta.

Mas o panóptico tradicional se subleva: “o panóptico não permite qualquer espaço privado; pelo menos nenhum espaço privado opaco, nenhum sem supervisão, ou pior ainda, *não passível de supervisão*” (Bauman, 1999:61) (itálico acrescido). Na charge sobre a reunião do Fórum Econômico em Davos (*Folha de São Paulo*, 27 de janeiro, A2), é muito claro a não-supervisão do poder panóptico. A imagem se organiza por seis ‘executivos’, de terno preto, gravata preta, camisa branca, sentados em cadeiras executivas, alguns com papel nas mãos, como se estivessem discutindo questões sociais; todos estão com óculos de armação preta e lente branca, estereótipos de óculos de bandidos que escondem seus rostos na hora do assalto – os poderosos se escondem pois o seu poder se revela um não-poder de atuação; acima dos ‘representantes do poder’, o título da charge *World Economic Forum* e abaixo das figuras “*Para o futuro, a meta é atenuar a brutal distância que há entre os bilhões de miseráveis de todo o mundo e a meia dúzia de participantes desta palestra!*”.

E aí me parece que há uma crítica à ‘cegueira’ do poder panóptico da globalização em relação à localidade confinada. Os ‘poderosos’, que olham os *bilhões de miseráveis*, estão de olhos vedados pelos óculos de bandido, logo não têm o ‘óptico’; nos papéis estão os muitos (minorias) observados pelos poucos (poder); muitos esses que estão imobilizados na celulose que os poderosos ‘cegos’ seguram. A imobilização está tanto para os muitos quanto para os poucos: os muitos nem são figurados, apesar de serem o objeto da pauta da reunião e os poucos estão vedados; a *distância brutal* entre *bilhões* e *meia-dúzia* não foi atenuada, mas sim hiperbolizada; de tal ordem que, talvez, a impossibilidade de operância dos poucos na imobilidade constitutiva das massas esteja se expandindo para inoperância dos poucos. Acho que a sublevação do panóptico tradicional pode ser entendida como um *pan-imobilis*.

Mas tanto esses muitos quanto esses poucos são observados por ‘outros’. Segundo Mark Poster (*apud* Bauman, 1999: 57-58) “ ‘nossos corpos são fígados dentro das redes, dos bancos de dados, nas auto-estradas da informação’ ” – e assim todos esses locais de armazenamento de informação onde nossos corpos são, por assim dizer, ‘amarrados informaticamente’ ‘não mais oferecem refúgio à observação ou uma barreira em torno da qual se possa traçar uma linha de resistência’”. A mídia armazena dados, e, por seu poder globalizante, amarra os poderosos pela informatização; e, introduzidos no universo da observação imediata, os poucos também perdem o privado. O panóptico que tradicionalmente se estabelece por uma relação binária – poucos vigiando muitos -, passa

por uma transformação. E nessa transformação proponho uma relação ternária. A mídia - podendo ser indicada tanto como representação de muitos se levarmos em conta sua amplitude comunicativa, quanto representação de poucos se levarmos em conta as figuras dos jornalistas, mas o que importa é ser um ponto de observação difusora - está vigiando a atuação dos poucos - os dirigentes -, que, por sua vez, esses poucos vigiam os muitos - as minorias. Nessa relação em cadeia - de muitos (mídia) vigiando poucos (dirigentes) que vigiam muitos (as minorias) - pode-se determinar o poder sinóptico (*sin* para o *instante* e *óptico* para *olhar*) do qual a mídia globalizada é o ponto-*sin*-locomotiva. O poder sinóptico é global, “ele *seduz* as pessoas à vigilância” (Bauman, 1999:60), e a charge é um exemplo de observação crítica, pois ela vigia os seis poderosos do *World Economic Forum* ao denunciar a não-capacidade de ação do poder pelo humor cáustico. É a rede extraterritorial na qual muitos vigiam poucos, ou melhor, o poder da associação do Fórum Econômico Mundial, uma associação composta de poucos, é vigiado.

Formas de conhecimento: exterioridade e interioridade

A outra questão de impacto nos sujeitos de localidade e de globalização está para a forma de conhecimento que os sujeitos conhecem a fome: a fome descrita - sujeitos que combatem a fome - e a fome sentida - os que sentem a fome. Russell (1978), em sua teoria do conhecimento, nos mostra duas maneiras de angariar conhecimento: ou pelo “conhecimento de trato” (*acquaintance*) ou pelo “conhecimento acerca de” (*description*) (Russell, 1978:3): “conhecimento de trato” é um conhecimento direto, ligado à experiência, que pode até vir a ser parte do conhecimento pela descrição; e conhecimento sobre é aquele angariado pela descrição e não pelo experienciado. Por exemplo², encontro habitualmente com uma pessoa ao ir ao supermercado, essa pessoa é famosa; tenho um conhecimento por *acquaintance* dessa pessoa, pois conversamos tomando um cafezinho toda semana, e ao mesmo tempo tenho um conhecimento por *description*, pois sei dessa pessoa também pelas informações midiáticas. Plagio o exemplo para o caso do Fome Zero trocando os sujeitos: Eu trabalho no hospital alimentando os índios de Dourados que estão em desidratação, convivo com eles, converso com eles, logo meu conhecimento é por experiência; quando leio a respeito no jornal, tenho um conhecimento pela descrição. Mas..., não sinto a sensação do sentir fome.

A nossa proposta de subjetivação da fome pode estar trilhando caminhos de teorias rivais que levam a divergências entre o que está se entendendo por sensação e por experiência da fome. Não se está querendo confinar o sentido de experiência ao mundo das sensações, nem “chegar a alguma coisa de fundamental importância para a teoria do conhecimento (Russell, 1978: 16), o que não nos impede aqui de aliar experiência à sensação do vivido à nossa argumentação. E para tal proposta, o “polimento da palavra é instrutivo” e se faz pertinente para que a palavra “se torne apropriada para os propósitos técnicos” (Russell, 1978: 16). O que se quer polir é a diferença entre a sensação da fome, a consciência da fome e a familiaridade em relação à sensação da fome. Primeiramente, sustentamos “que a familiaridade (*acquaintance*) é uma relação dual entre um *sujeito* e um *objeto* que não precisam ter nenhuma continuidade de natureza” (Russell, 1978: 15) (itálico acrescido), ou seja, o conhecimento do que seja *o sentir fome* (objeto) está no sentido do *sujeito sentindo fome* (sujeito).

A idéia do que seja *acquaintance* se expande, pelo menos para o caso do Fome Zero, para dimensões de exterioridade e de interioridade. Russell (1978: 17) ao formular que

“as coisas que se diz que um homem experiencia são as coisas que estão dadas na *sensação*, seus próprios *pensamentos* e *sentimentos* (pelo menos na medida em que ele é *consciente* deles), e talvez (apesar de que neste ponto o senso comum poderia hesitar) os fatos que ele *chega a conhecer* pelo pensamento” (itálico acrescido),

nos permite filiar *sensação* à dimensão da interioridade e *sentimentos* e *pensamentos* tanto à interioridade quanto à exterioridade. A exterioridade dos sentimentos e dos pensamentos estaria para a consciência do conhecimento do que é sentir fome, ou seja, na possibilidade de descrever o que está *diante de* minha mente: “em qualquer momento dado, existem determinadas coisas das quais um homem é “consciente”, determinadas coisas que estão “*diante de* sua mente” (Russell, 1978: 17) (itálico acrescido); a expressão “diante de” ratifica o movimento de exteriorização em detrimento a de interiorização. Ao dimensionar *sensação* à interioridade estou me dirigindo à introspecção do sensível, o velho ditado – ninguém pode sentir pelo outro –, enquanto *pensamentos* e *sentimentos* poderiam habitar o Outro, que diante do objeto, pensa e se afeta pela consciência do que está diante de sua mente – o sentir fome. Logo o sujeito que descreve a fome ou que convive com o esfomeado não tem a experiência interior sobre sentir a fome, pois mesmo que conviva com o sujeito esfomeado, ouça descrições sobre o que é sentir fome, está sempre na exterioridade da *sensação* da fome; a experiência do sensível é um privado ‘inviolável’.

Retomando os dados do processo de subjetivação pela forma de conhecimento ao espaço em que o sujeito habita, entendemos que no espaço da globalização, apenas a descrição sobre a fome é o conhecimento viável. O ciberespaço não dá conta do sensível, aquele da introspecção, até porque, no caso da fome, não há comida circulante no ciberespaço que encha o estômago de nenhum sujeito, ele se alimenta na sua localidade; os *dados* que chegam ao sujeito que navega no ciberespaço, como a própria palavra diz, são dados representados e exprimidos - “*representações* e coisas que só alcançamos por meio de *expressões* denotativas” (Russell, 1978: 3) (itálico acrescido) - e não sentidos.

No espaço da localidade há ‘emaranhados’ na forma de conhecimento sobre a fome, dependendo do espaço em que sujeitos habitam. No espaço social, em que mora o sujeito com face e corporificado, tanto os da classe privilegiada quanto a não-privilegiada (representantes das minorias e pobres, mas não-esfomeados) têm conhecimento por descrição e experiência, mas sua experiência é da ordem da exterioridade, na medida em que sua consciência pode se manifestar frente ao esfomeado e ao seu sentir a fome. E nessa consciência pode habitar a ‘eletricidade social’³ que tanto a voz representativa quanto a alimentação propiciam. No espaço das massas, a subjetivação é escondida, e como tal dá-se a de-subjetivação do esfomeado; o sujeito sem face, sem corpo e sem voz conhece a fome pela própria experiência da fome, é o *acquaintance* da ordem da interioridade; sua experiência introspectiva é impenetrável, tanto pela própria natureza da interioridade da *sensação* quanto também pelo apagamento de sua voz, apagamento que inviabiliza a descrição da fome pelo esfomeado. Inviabilizada à descrição, a experiência do sensível das massas passa a ser uma suposição de conhecimento fornecida pela consciência de sujeitos

sociais que, diante de sua mente, ‘vêm’ a “eletricidade estática” (Baudrillard, 1985:9) da massa.

Para *identificar* subjetivações e de-subjetivações “parece não haver razão para acreditar que temos sempre conhecimento de trato das mentes (e do sensível) das outras pessoas, visto que estas não são diretamente percebidas (Russell, 1978:3), o que torna praticamente inviável o acesso àquele esfomeado cujos representantes ‘gritam’ a favor; representantes apenas nos dão um conhecimento pela denotação (descrição). O exemplo fornecido por Russell (1978: 11),

“ ouvi de um suscetível proprietário de um iate, a quem uma visita, vendo o iate pela primeira vez, observou “eu pensei que seu iate fosse maior do que ele é”, ao que o proprietário respondeu, “não, meu iate, não é maior do que ele é. O que a visita queria dizer era, “o tamanho que eu pensei que seu iate tivesse é maior do que o tamanho que seu iate tem”; o significado atribuído é, “eu pensei que o tamanho de seu iate fosse maior do que o tamanho de seu iate” (Russell, 1978:13),

nos permitir fazer também um jogo lógico em relação a um representante dos esfomeados e o próprio esfomeado:

Representante (visita) diz - Pensei que sua fome fosse maior do que é

Esfomeado responde (proprietário) – Não, minha fome não é maior do que é

Significado atribuído – Eu pensei que o tamanho de sua fome fosse maior do que o tamanho de sua fome.

A troca dos objetos atribuídos *iate* e *esfomeado* é proposital, um recurso de impactação do que seja o inescrutável. Ao trocar *iate*, objeto de valor social ao qual normalmente se atribui um valor *glamouroso* por outro ‘objeto’ de valor social, o *esfomeado*, ‘sente’-se a forma de conhecimento pela experiência vivida como uma área do inescrutável: tanto a incomunicabilidade com a interioridade - sentir do eu -, quanto a incomunicabilidade com a exterioridade - espaço social da exclusão e sua conseqüente diluição no espaço das massas. Só o esfomeado tem familiaridade com a fome; a fome se sustenta pela própria fome.

Existem muitos espaços, existem muitos sujeitos. Eles estão ‘nesse’. Nesse? O que é ‘esse’?

Notas

¹ Parte de pesquisa sobre a linguagem do programa governamental Fome Zero.

² Exemplo do Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan, utilizado em aula ministrada em curso de Pragmática no Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, Universidade do Estadual de Campinas/UNICAMP, 2º semestre de 2002, por ocasião de minha hospedagem acadêmica de pós-doutoramento.

³ ‘Re-arrumação’ estilística da expressão “eletricidade estática” (Baudrillard, 1985:9), quando se refere ao conceito de massas, para chamar atenção da diferença entre o espaço social e o espaço das massas.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas – o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt . *Globalização – As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Delta S.A., 1964.
- RUSSELL, Bertrand. Lógica e conhecimento. In: *Pensadores*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1978.